

“ELES QUEREM ACABAR COM A FAMÍLIA”: a insistência no discurso moralista e outras hipóteses sobre a queda da audiência em Babilônia¹

Marcia Perencin TONDATO²
(ESPM-PPGCom, São Paulo, SP)

Resumo

Neste artigo discuto a relação ficção-realidade no âmbito da insistência em um discurso moralista por parte do jornalismo – *blogs* e editoriais – sobre a trama da telenovela Babilônia (Globo, 2015, Gilberto Braga), que, entre outros temas, explora a homossexualidade feminina. Considero importante discutir sobre os ataques feitos em diversas frentes, em especial por grupos religiosos, em um momento em que a sociedade como um todo se mobiliza em defesa do respeito à diversidade – étnica, religiosa, de gênero. A discussão apresentada tem como base a repercussão das matérias nos comentários sobre o referido material acrescida dos reflexos nos índices de audiência e no próprio desenvolvimento da trama objetivando colaborar para compreensão da intersecção mídia-sociedade e ressignificações dos conteúdos pelos receptores.

Palavras-chave: comunicação; telenovela; recepção; homossexualidade.

Telenovela e moralismo

1989. A novela é *Tieta* (Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares³, Rede Globo, 20h). Na cena, Cinira (Rosane Gofman) e Amorzinho (Lília Cabral) assistem à televisão, indignadas, em companhia de Dona Milu (Miriam Pires), que, em seu canto e com sua característica sinceridade, não deixa de fazer comentários à altura do que presencia. O pequeno aparelho no qual as duas moças recatadas fixam os olhos mostra um homem nu, apenas com as partes mais íntimas cobertas por uma toalha de banho. A expressão nos rostos das jovens é de desejo. O discurso, ao contrário, é de reprovação.⁴

— Como é que pode colocar um homem nu, assim, na casa de família temente a Deus? — esbraveja Cinira, em tom de questionamento.

— Ah, deixe de cinismo! Ô, meu Deus do céu! Tu tá falando, mas tu foi aí pra perto pra ver — interpela Dona Milu.

— É que eu quero ver pra crer, Dona Milu — explica Cinira, com o corpo estremeando, tipo de ataque que lhe é peculiar.

— Perpétua é que tem razão: televisão é coisa do “rabudo”. Eles querem acabar com a família — arremata Amorzinho.

A essa altura, Dona Milu sentencia:

— Ô, deixe disso. Vocês duas estão é gostando. Onde já se viu homem nu acabar com família? Vocês precisavam ver era o Osnar, quando chegou aqui um dia, todo

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente do PPGCom-ESPM, email: mtondato@espm.br.

³ *Tieta*, exibida de 14ago.1989 a 31mar.1990, inspirada no livro de Jorge Amado, *Tieta do agreste*, publicado em 1977.

⁴ Cena disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RstdlvPLGvk>>. Acesso em: jun.2015.

bêbado, e que Carmosina teve que... Aliás, se fosse com Osnar, tinha que usar era duas toalhas⁵.

A sequência hilariante, transformada em viral⁶ 16 anos após sua exibição e fartamente circulada nas mídias sociais, retrata o moralismo subjetivo, aquele que tem por princípio que cada indivíduo deve fazer o que achar que deva. Falando sobre homossexualidade na telenovela, Santana (2009, p. 4) cita Rachels para dizer que “provar a correção das nossas opiniões éticas é uma questão delicada [...] resta apenas seguir o pensamento racional e fornecer razões, analisar argumentos, estabelecer e justificar princípios”. Ou seja, não há valores objetivos, não existindo portanto o objetivamente certo ou errado.

Se considerarmos que princípios éticos “subjetivos” refletem os valores morais de uma dada sociedade e entendendo que a subjetividade é produto do universo de discursos no qual o indivíduo está inserido (BACCEGA, 1995), então a isso também está submetida a produção televisiva tornando-se, em última análise, “espelho de uma época”. Especificamente sobre o objeto dessa discussão, mesmo sendo “espelho” a telenovela brasileira, desde sua modernização temática com o emblemática *Beto Rockefeller* (Bráulio Pedroso e Cassiano Gabus Mendes, Rede Tupi, 1968), é “espaço de problematização do país”, podendo ser entendida como linha de força na construção de uma sociedade multicultural (LOPES, 2009), representando reforço, mas também resistência, no âmbito das transformações sociais.

Na esfera das personagens femininas, Lopes (2009, p. 28) sinaliza movimentos de transgressão e conformismo, numa ambivalência que confere à novela um “efeito de credibilidade”, pondo em circulação “mensagens sobre a tolerância, o direito à diferença e os direitos das minorias”. Como um “novo espaço público”, a novela tem o “potencial de sintetizar os imaginários de uma nação”, ao mesmo tempo em que promove uma *agenda setting*, “a lógica das relações pessoais e familiares presidindo a narrativa dos problemas sociais” (LOPES, 2009, p. 27, 31).

A novela, desta vez, é *Babilônia*, estreada em 16 de março de 2015, também na Rede Globo, no horário nobre, agora às 21h. Promessa de grande produção, a demarcar o

⁵ Os outros personagens, citados no diálogo Perpétua (Joana Fomm), Osnar (José Mayer) e Carmosina (Arlete Salles)

⁶ Uma definição simples de viral: são os materiais veiculados (normalmente no meio digital) com o objetivo de dar maior visibilidade a um fato, uma marca, um assunto, tornando-se mais do que um meio de divulgação, transformando-se em mensagens que o público compartilha e acabam ultrapassando o sentido original, se espalhando que nem um vírus (por isso o viral). Exemplos disso: as propagandas da *Old Spice* nos EUA (*I'm on a Horse*), *Os Pôneis Malditos*, *Dumb Ways to Die*, o *test-drive* da Pepsi, entre vários outros.

aniversário de 50 anos da emissora, teve início com um assassinato, algo comum nas novelas de Gilberto Braga, que a assina com Ricardo Linhares e João Ximenes Braga.

Logo no primeiro capítulo, além da maldade gratuita, da costumeira traição, vingança, inveja, orgulho, chantagem, corrupção, temos o “beijo lésbico” – como ficou conhecido – de Teresa Petruccelli (Fernanda Montenegro) e Estela Marcondes (Nathalia Timberg), casal evidentemente homossexual. Embora este não tenha sido o primeiro beijo *gay* da Rede Globo, foi ao ar sob grande expectativa justamente por acontecer entre duas senhoras idosas, personificadas por atrizes consagradas no teatro e na televisão brasileira.

As relações homoafetivas, em especial entre mulheres, estão presentes na dramaturgia televisiva desde a década de 1960, ainda que em muitos casos apenas sugeridas ou insinuadas, e em alguns, até mesmo eliminadas da trama. O quadro I traz a relação das telenovelas em que tivemos lésbicas encenando beijos e casamentos sem que isso se constituísse argumento, principal ou não, para queda nos índices de audiência e mudança no rumo dos personagens.

O casal mais recente, Clara (Giovanna Antonelli) e Marina (Tainá Müller) (*Em Família*, Manoel Carlos, 2014), foi a princípio rejeitado pelo público, principalmente pelo fato de Clara largar o marido doente e o filho pequeno para viver um romance, independentemente de ser com uma mulher.⁷ Rejeição que é esquecida nos últimos capítulos, quando as duas se casam, elevando o Ibope da novela como nunca antes e ainda rendendo elogios vários nas redes sociais e entre celebridades, suscitando até a hipótese, pela imprensa especializada, de que “se Manoel Carlos tivesse tratado a relação das duas com mais ousadia desde o início, a novela teria tido mais audiência”.⁸

Clara e Marina protagonizaram dois beijos, sem muita polêmica ou repercussão se comparados ao primeiro beijo *gay* na Rede Globo concretizado no último capítulo de *Amor à Vida* (Walcyr Carrasco, 2013), em março de 2014, entre Félix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Fragoso). Diferentemente do primeiro beijo entre mulheres encenado em *Amor e Revolução* (Tiago Santiago, SBT, 2011) entre Marina (Gisele Tigre) e Marcela (Luciana Vendramini), que, mesmo em uma escala menor do que talvez se tivesse acontecido em uma produção da Rede Globo, pela abrangência da audiência, foi comentado em *sites*, programas de fofocas, entrevistas, *videologs*.

Quadro I – Telenovelas com personagens lésbicas		
Ano/emissora	Título/autor	Personagens/atrizes - Caracterização

⁷ <http://otvfoco.com.br/casal-lesbico-de-em-familia-e-rejeitado-pelo-publico/#ixzz3fXpIZy1S>

⁸ <http://www.umoutoolhar.com.br/2015/01/retrospectiva-2014-o-ibope-do-casamento.html>

1963/ TV Tupi-SP (teleteatro TV de Vanguarda)	<i>Calúnia/</i> Walter Durst e Benjamin Cattán	Vida Alves vive uma professora lésbica que se apaixona pela colega de profissão, Geórgia Gomide.
1975/Rede Globo	<i>O Rebu/</i> Bráulio Pedroso	Fica sugerido que Roberta (Regina Viana) e Glorinha (Isabel Ribeiro) terminam juntas. Marco da estreia de personagens lésbicas na Rede Globo.
1979/Rede Globo	<i>Malu Mulher/</i> Daniel Filho	Maria (Ângela Leal) se apaixona por Malu (Regina Duarte), mas não é correspondida.
1981/Rede Globo	<i>Ciranda de Pedra/</i> Teixeira Filho	Letícia (Mônica Torres) era lésbica, nos rígidos anos 1940.
2003/Rede Globo	<i>Celebridade/</i> Gilberto Braga	Laura (Claudia Abreu) era bi e teve um caso com Dora (Renata Sorrah).
2003/Rede Globo	<i>Mulheres Apaixonadas/</i> Manoel Carlos	Clara (Alinne Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli), lésbicas <i>teens</i> , terminam juntas, se beijando (“selinho”) no palco enquanto encarnavam, respectivamente, Julieta e Romeu.
2005/Rede Globo	<i>Belíssima/</i> Silvio de Abreu	Rebeca (Carolina Ferraz) ficou com Karen (Mônica Torres).
2004/Rede Globo	<i>Senhora do Destino/</i> Aguinaldo Silva	Eleonora (Mylla Christie) e Jennifer (Bárbara Borges) têm um final feliz.
2008/Rede Globo	<i>A Favorita/</i> João Emanoel Carneiro	Catarina (Lília Cabral) largou o marido e foi morar com Stela (Paula Burlamaqui).
2011/SBT	<i>Amor e Revolução/</i> Tiago Santiago	Marina (Gisele Tigre) e Marcela (Luciana Vendramini) – primeiro beijo <i>gay</i> entre lésbicas.
2014/Rede Globo	<i>Em Família/</i> Manoel Carlos	Clara (Giovanna Antonelli) e Marina (Tainá Müller) se casam e têm um final feliz.

Fonte: (SANTANA, 2009; FERNANDES, 2013; FERNANDES e BRANDÃO, 2013; FERREIRA DE SOUZA, 2014; SILVA et. al, 2014).

Antes disso, tivemos *Malu Mulher* (Daniel Filho, 1980); *Mulheres apaixonadas* (Manoel Carlos, 2003); *Senhora do Destino* (Aguinaldo Silva, 2004), com destaque para *Torre de Babel* (1998) de Silvio de Abreu que “foi severamente criticado pela população e pelos *media* por reunir na trama diferentes assuntos polêmicos como uso de drogas, violência doméstica e lesbianismo”, optando, após queda nos índices de audiência, “por extinguir os personagens que causavam polêmica e dentre eles o casal lésbico protagonizado por duas consagradas atrizes”, Leila (Sílvia Pfeiffer) e Rafaela (Christiane Torloni) (SANTANA, 2009, p. 8). (Quadro II)

Quadro II – Telenovelas que sofreram mudanças em relação às personagens lésbicas		
Ano/emissora	Título/autor	Personagens/atrizes - Caracterização
1979/Rede Globo	<i>Os Gigantes/</i> Lauro César Muniz	Paloma Gurgel (Dina Sfat) foi uma personagem ambígua, forte e liberal, que se mostrou capaz de assumir um romance com a jovem veterinária Renata (Lídia Brondi), situação até hoje indefinida - censurada na novela.
1986/Rede Globo	<i>Anos Dourados/</i> Gilberto Braga	Marina (Bianca Byington) terminou “vivendo em Nova York há anos, com sua companheira”, segundo a narração.
1976/Rede Globo	<i>Selva de Pedra/</i> Regina Braga (regravação)	Cristiane Torloni (Fernanda) e Beth Goulart (Cintia Vilhena) cruzam olhares à beira da piscina. Um romance que foi vetado.
1995/Rede Globo	<i>Engraçadinha/</i> Leopoldo Serran (adaptação)	A infeliz Letícia (Maria Luíza Mendonça) vivia rastejando pelo amor de sua prima Engraçadinha (Alessandra Negrini e Cláudia Raia).
1997/Rede Globo	<i>A Indomada/</i> Aguinaldo Silva e	Zenilda (Renata Sorrah) gostava de “fazer a contabilidade” ao lado de Vieira (Catarina Abdalla).

	Ricardo Linhares	
1998/Rede Globo	<i>Torre de Babel</i> / Silvio de Abreu	As lésbicas Leila (Sílvia Pfeiffer) e Rafaela (Christiane Torloni) são mortas na explosão do shopping, cenário da trama.
2008/Rede Globo	<i>Ciranda de Pedra</i> / Alcides Nogueira	No <i>remake</i> , a tenista Letícia (Paola Oliveira) não teve sua sexualidade desenvolvida, ao contrário do livro e até da novela original.

Fonte: (SANTANA, 2009; FERNANDES, 2013; FERNANDES e BRANDÃO, 2013; FERREIRA DE SOUZA, 2014; SILVA et. al, 2014).

O histórico da exibição e contexto das polêmicas:

Em *Babilônia*, Teresa e Estela são personagens coadjuvantes ligadas ao núcleo central da trama. Estela é mãe de Beatriz (Glória Pires), uma das vilãs, e Teresa é corriqueiramente chamada pela enteada de “segunda mãe” ou “mãe de criação”. A história das duas também está ligada a Rafael Petrucelli (Chay Suede), que criam como filho⁹ (desde criança, e espontaneamente, como sinalizado no 1º capítulo, ele chama ambas de “mãe”). Aparentemente, a história das duas, iniciada há mais de 30 anos quando Estela deixou o marido para ir viver com seu “grande amor”, é tratada com naturalidade.¹⁰

Aparentemente, apenas, porque no decorrer da trama as ocorrências em torno das “idosas lésbicas” têm nítido intento de debater o preconceito. No 1º capítulo, ambientado em 2005, Teresa é chamada na escola onde Rafael estuda e é orientada pela diretora a pedir ao garoto que a chame de “tia”, para evitar constrangimentos junto aos colegas que não entendem porque o garoto diz ter duas mães.¹¹ Nos dias subsequentes, já em 2015, não raramente se veem em situações que reforçam o preconceito de que pessoas em união homoafetiva são alvo (é a vizinha que diz não ter nada contra, mas não acha “normal” e que prefere não vê-las juntas; são as ofensas na inauguração do restaurante da “depravada mais famosa do Brasil”; etc.)¹².

Na mesma novela, a essa juntam-se outras histórias também suscitadoras de discursos de reprovação. Na 2ª fase, em 2015, Beatriz (Glória Pires) se revela uma ninfomaníaca; Alice (Sophie Charlotte), filha de Inês (Adriana Esteves) arqui-inimiga de Beatriz, num ímpeto de raiva, revida uma tapa dado por sua mãe quando fica sabendo que a

⁹ Rafael: neto temporão de Estela, criado desde pequeno por ela e Teresa como filho. Bonito, inteligente, responsável e tímido. Descrição cf.: <http://gshow.globo.com/novelas/babilonia/personagem/rafael/>

¹⁰ Teresa é dona de um escritório de advocacia prestigiado e ficou famosa ao lutar pela libertação de presos políticos durante a ditadura. Como Estela era de uma família tradicional, sua união com uma mulher foi um escândalo na época. O casal enfrenta as pressões sociais e luta pelas causas humanitárias, principalmente em defesa dos direitos dos homossexuais. Junto com Teresa, cria desde pequeno o neto Rafael, órfão de sua filha, Elisabete. Estela é também mãe de Beatriz, a quem Teresa vigia de perto, para tentar conter seus excessos, já que sua mãe é muito condescendente com seus gastos e armações. Fonte: <http://gshow.globo.com/novelas/babilonia/personagem/>

¹¹ <http://globoTV.globo.com/rede-globo/babilonia/v/teresa-conversa-com-a-professora-de-rafael/4042837/>

¹² <http://extra.globo.com/tv-e-lazer/telinha/em-babilonia-consuelo-ofende-teresa-depravada-mais-famosa-do-brasil-16520544.html>.

filha está grávida de um segurança, desfazendo a ambição de ser sogra de um milionário. Decorrente desta briga, Alice sofre um aborto “espontâneo”. Em outro núcleo, Rosângela (Jurema Reis), empregada na casa do prefeito evangélico Aderbal (Marcos Palmeira), engravidada do mesmo que a obriga a fazer um aborto.

Isso como cenário, a audiência de *Babilônia* despencou consideravelmente nas duas primeiras semanas. Partiu de 32,8 pontos¹³ no Ibope (Grande SP) – já considerado um dos piores índices do horário para a emissora – atingindo a margem mínima de 24,9, abaixo dos 26,2 pontos registrados por *Alto Astral* (Daniel Ortiz, 19h, 2014). Em quatro de abril, *Babilônia* registrou 20,2 pontos na Grande São Paulo¹⁴, um recorde negativo, o pior desempenho de uma trama das 21h aos sábados. Só não foi a pior audiência das 21h porque *Salve Jorge* (2012) e *Esperança* (2002) deram 18 pontos.

Mesmo sendo uma ocorrência inédita para o horário e emissora, sinalizo que tal queda de audiência foi, de certa forma, potencializada pelas repercussões na imprensa especializada e compartilhamentos nas redes sociais. Num processo de realimentação, seguindo a característica sinérgica planejada e desejada pela indústria midiática desde seus primórdios, no ambiente digital sem possibilidade de controle, a audiência de *Babilônia* se torna piada no Twitter:¹⁵ hashtag #damaisquebabilonia; Manutenção Mensal da Globo #DáMaisQueBabilônia; TV Gazeta em dia de posse de presidente #DáMaisQueBabilônia; Mamma Bruschetta no spa #DáMaisQueBabilônia. Enquanto os seguidores da novela se limitam, por exemplo, a comentar na hashtag #Babilonia a performance de Thiago Martins, o nadador Diogo, em um dos seus desfiles diários de sunga.

Apesar da diversidade de sub-tramas polêmicas, as explicações possíveis para o fracasso na audiência concentram-se ao redor de motivações moralistas de fundo religioso, validadas por nota de repúdio ao beijo protagonizado por Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg no 1º capítulo, emitida pelo deputado federal João Campos, líder da Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional. Como resposta a isso ou em reação aos índices e audiência, tramas paralelas e perfis de personagens foram modificados.

¹³ O valor de 1 ponto no IBOPE depende do tamanho do universo de cada praça. Um ponto de audiência equivale a 1% do universo pesquisado, seja total de indivíduos ou total de domicílios. Na audiência individual, um ponto quer dizer que 1% dos telespectadores estava assistindo a determinado programa. Já na audiência domiciliar, um ponto refere-se a 1% das casas que estavam assistindo a um determinado programa. Em São Paulo, em 2011, por exemplo, foram pesquisados 5.823.590 domicílios e 18.352.043 indivíduos, portanto, um ponto de audiência equivale a 183.520 pessoas e 58.235 lares assistindo a um programa específico. Fonte: <http://www.ibope.com.br/pt-br/relacionamento/duvidas-frequentes/Paginas/Audiencia-de-televisao.aspx>

¹⁴ Obs.: cada ponto de audiência medido pelo Ibope corresponde a 65.201 domicílios na Grande São Paulo. Fonte: <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2014/01/20/Ibope-reajusta-ponto-de-audiencia.html#ixzz3dVjMWxEi>

¹⁵ <http://veja.abril.com.br/blog/quanto-drama/eu-veja-novela/com-baixa-audiencia-babilonia-vira-piada-no-twitter/>

Originalmente estava previsto que Alice (Sophie Charlotte) tornar-se-ia uma prostituta, o que foi modificado tendo em vista que implicaria em cenas de prostituição, consideradas mau exemplo. Mudanças em relação à maldade, violência e o tema da corrupção presentes na trama foram atribuídas às necessidades da “classificação indicativa” da produção. Beatriz (Glória Pires) diminuiu seus “ataques” aos homens; aspectos gráficos considerados escuros foram clareados; demonstrações de afeto entre o casal homossexual foram cortadas e o segredo envolvendo as vilãs foi revelado antecipadamente.

Reações aos (des)caminhos da audiência de *Babilônia*

Motter (2003, p. 32) explica que a interação do universo ficcional com a realidade concreta é resultado do “paralelismo entre rotinas”, a saber: “o hábito cotidiano de assistir às telenovelas e um cotidiano dentro da telenovela”. Ao mesmo tempo em que proporciona uma redefinição histórica do *familiar*, a novela também apresentaria os acontecimentos diários de uma forma dramática, porém sem angústia, distinguindo desta forma o que é real e o que é irreal (MAZZIOTI e FREY-VOR, 1996).

Na ficção, essa *realidade* é conquistada pela verossimilhança de forma a atender às expectativas da audiência, para quem é preciso que os discursos sejam possíveis e previstos dentro do domínio estabelecido pela obra (histórico ou literário), de uma existência já reconhecida socialmente (BACCEGA, 1995). Isso pode ser construído, ainda, a partir dos personagens que, como “concretização de um ser vivo” devem “comunicar uma impressão de uma verdade existencial” (CANDIDO, 1985, p. 55).

Exemplificando a importância do cuidado na relação real x ficcional tomo como referência a representação dos atores e atrizes dos vilões e mocinhos em *Babilônia* que, de acordo com a imprensa, teve um impacto negativo diante dos escândalos reais de corrupção na política brasileira, sendo recebida como uma extensão do que está nos noticiários dos jornais.¹⁶ Uma leitura que ressalta a agência dos telespectadores da novela, por muitos ainda considerados pacientes no processo comunicativo, que se viram defrontados com a discussão sobre o que é ser ético e honesto em um país que tem em suas instituições escândalos de corrupção graves e notórios. Incômodo resultado de uma reflexão motivada pela própria trama ficcional, diferentemente do que ocorre durante a recepção dos

¹⁶ <http://br.blastingnews.com/tv-famosos/2015/04/a-corrupcao-no-brasil-vira-assunto-da-novela-babilonia-e-causa-polemica-na-audiencia-00366143.html>

telejornais que, por sua dinâmica, traz as notícias e fatos fragmentados, sobrepondo uma diversidade de temáticas e ocorrências, amenizando repercussões na audiência.

As repercussões da queda de audiência de *Babilônia*, obviamente foram amplamente comentadas na mídia, em especial buscando opiniões de profissionais criativos, autores e diretores, principalmente em busca de um sinalizador de um processo de mudança pelo qual a recepção eventualmente esteja passando. Modo geral, a reação geral da equipe diretamente envolvida, incluindo o autor Gilberto Braga, foi que “o politicamente correto tomou conta da sociedade”,¹⁷ explicitado por Thiago Fragoso (Vinícius) mas que perpassa manifestações de outros colegas seus e também blogueiros especialistas. Um argumento consistente se lembrarmos de que a novela é “espelho” e nos últimos anos tem se tornado cada vez mais espaço de debate sobre assuntos sociais. Mas como ficção, é também catarse (COSTA, 2000; LOPES, 2004), e ao trazer temas tão pungentes como corrupção e violência em diversos sentidos, *Babilônia* promoveu uma catarse em um momento de muita fragilidade da população.

Sobre o relacionamento homo afetivo, Aguinaldo Silva (autor da novela anterior, *Império*, que trazia o romance entre Cláudio (José Mayer) e Leonardo (Klebber Toledo), com o próprio Cláudio relutante em assumir uma posição diante da sociedade) culpa os personagens *gays*¹⁸ pela queda de audiência, argumentando que “parte do público não tem interesse em acompanhar”. Também um argumento consistente porque o espectador não quer ver a realidade adentrar sua casa, no seu momento de relaxamento. Ficção sempre foi e sempre será “sonho”. Ao que podemos argumentar, “por que a violência, ambição, a maldade não choca tanto?” Porque, talvez, no entender do espectador são situações mais distantes de sua realidade, das quais se pode de alguma forma escapar, fugir, enquanto questões de relacionamentos, sentimentos são percebidas como menos controláveis, algo a que todos estamos igualmente sujeitos.

Gilberto Braga, autor de *Babilônia*, também faz conjecturas a respeito da repercussão do comportamento do casal Teresa-Estela, saindo logicamente em sua defesa ao afirmar que “o espectador não está preparado para ver carinhos físicos entre pessoas do mesmo sexo”.¹⁹ Salienta, entretanto, que as mudanças para recuperação dos índices de audiência não ocorreram por esse motivo e, num movimento de proteção por projeção,

¹⁷ <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/mocinho-de-babilonia-thiago-fragoso-diz-que-aprendeu-impor-respeito-engoli-sapo-durante-anos-hoje-quando-nao-gosto-de-algo-eu-falo-16170764>

¹⁸ <http://otvfoco.com.br/aguinaldo-silva-explica-queda-de-babilonia-culpa-personagens-gays/#ixzz3dYStaRol>

¹⁹ http://www.purepeople.com.br/noticia/autor-de-babilonia-descarta-que-casal-gay-seja-motivo-da-baixa-audiencia_a54235/1

responsabiliza os paulistas e a Rede Globo pelo, já alcunhado, “fracasso” de *Babilônia*.²⁰ Segundo o autor, o beijo *gay*, as cenas de sexo entre Beatriz (Glória Pires) e seus parceiros, a história de Alice tornando-se uma garota de programa já constavam da sinopse. Daí a responsabilidade da emissora, que deveria, segundo o mesmo, tê-lo alertado sobre a possível repercussão negativa.

Com relação ao repúdio demonstrado pelos paulistas, Gilberto Braga ignorou, segundo blogueiros profissionais de plantão, “o cenário brasileiro e inundou o primeiro capítulo de sua novela com temas de difícil digestão para uma audiência em crise moral”, resultando que a “decepção com o governo envolvido em corrupção, deu espaço para a proliferação do pensamento conservador”.²¹

Do ponto de vista dessa discussão, tais reações e análises são naturais, e mercadologicamente esperadas, reações de defesa não só por parte do autor, mas também justificáveis pelas outras vozes mencionadas, pois tanto autores como emissora estão há muito em uma “zona da conforto” em termos de índices de audiência. Situação que aos poucos vemos mudar tendo em vista a potencialização dos questionamentos e polêmicas decorrente das trocas no ambiente digital.

Falando em personagens ...

Mudanças na trama fazem a novela *Babilônia* disparar em audiência, registra o Ibope.²² A continuidade dada às situações iniciadas no 1º capítulo - consequências da divulgação do vídeo de Beatriz beijando seu motorista e amante Cristovão (Val Perré), a tentativa de assassinato de Inês - tiraram a novela da monotonia, sinalizando que, embora exista o aspecto moral e ético, ao espectador interessa o dinamismo, a novidade, mas também o intervalo para a reflexão sobre “as estratégias da história e, também, sua própria vida” (COSTA, 2000, p. 64). Isso nos sinaliza caminhos para, senão compreendermos, mas refletirmos em bases conceituais sobre a aversão aos primeiros capítulos, para muitos desestimulando o acompanhamento da história.

A serialidade da novela tem como princípio “uma estética em que o reconhecimento e a repetição fundamentam uma parte importante do prazer e é consequência, norma de valor dos bens simbólicos” (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 150).

²⁰ <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2015/05/31/gilberto-braga-responsabiliza-paulistas-e-globo-por-fracasso-de-babilonia.htm>

²¹ <http://f5.folha.uol.com.br/colunistas/marcelo-arantes/2015/06/1637590-a-culpa-dos-paulistas.shtml>

²² <http://www.meionorte.com/entretenimento/novelas/mudancas-na-trama-fazem-a-novela-babilonia-dispararem-audiencia-registra-o-ibope-270129>

As pessoas precisam se reconhecer na ficção, e isso se torna mais complexo quando são tratados vários temas polêmicos em um curto espaço de tempo. Para que as tramas sejam aceitas, os personagens devem ser

bem construídos, solidamente arquitetados ou adequados ao fim da ação. Que devem ter um bom arcabouço, um bom esqueleto; que devem ter uma direção de pensamento, pelo qual dirão e deixarão manifesto aquilo que efetivamente pretendem fazer ou farão, de acordo com seu caráter (PALLOTTINI, 2013, p. 29).

Uma característica que, aparentemente, em nome do resultado de pesquisas,²³ foi desconsiderada nas transformações a que submeteram as personagens com vistas a “salvar os índices de audiência”. Os protagonistas das histórias paralelas que se mostravam potencialmente interessantes, capazes de levar a história para rumos polêmicos, mas potencialmente dramáticos, exigindo interpretes competentes, tiveram seus perfis sumariamente amenizados, ou até completamente modificados. Tal foi o caso do cafetão Murilo (Bruno Gagliasso) e da patricinha Alice (Sophie Charlotte); do casal formado por Estela (Nathalia Timberg) e Teresa (Fernanda Montenegro); da história de Carlos Alberto (Marcos Pasquim), que estava destinado a namorar Ivan (Marcello Melo); além do apagamento do lado ninfomaníaco da vilã Beatriz (Gloria Pires), que se apaixonou por Diogo (Thiago Martins), além de voltar a ser inimiga da vilã Inês (Adriana Esteves), porém sem a frieza habitual, “metendo os pés pelas mãos”.

A vez do receptor - o que dizem nos comentários postados em blogs²⁴

A recepção da telenovela implica em um envolvimento com a história, normalmente os espectadores “leem a novela fazendo comparações com sua vida pessoal, [...] num processo de comparação que gera nos espectadores ao mesmo tempo uma reflexão e uma constante revisão de suas posições, de suas escolhas de vida” (BUARQUE DE ALMEIDA, 2003, p. 225). Isso fica claro no comentário postado em um *blog*:

Eu acho que deveriam de respeitar a família. Imaginem nossos filhos de 5, 8, 10 ou até mesmo 13 e 15 (anos) assistindo beijo de homem com homem, mulher com mulher, roubalheira, prostituições, meninas ficando com homens mais velhos, racismo, eles vão querer copiar, fazer igual.

²³ <http://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/2015/05/22/ma-gestao-da-crise-e-novos-rumos-transformam-babilonia-em-novela-zumbi/>

²⁴ Os comentários apresentados neste item foram disponibilizados em: <http://veja.abril.com.br/blog/quanto-drama/eu-vejo-novela/com-baixa-audiencia-babilonia-vira-piada-no-twitter/>

Notamos que embora o repúdio seja dirigido aos personagens, a reação mais forte é contra a emissora, demonstrando que, apesar da maior repercussão *online*, a audiência ainda não reconhece o autor como protagonista. Uma reação que se revela fruto de uma competência adquirida em quase 60 anos de audiência às produções seriadas ficcionais, entendendo que se trata de um produto, com uma finalidade, mas que também, ou por isso mesmo, o receptor exige ser mais ouvido.

Com o comentário “[...] depois lançam a Campanha *Criança Esperança*. Sem sentido, não acham? Parabéns ao povo brasileiro que está se tornando mais seletivo em seu conhecimento e cultura para si e seus genitores”, notamos a percepção do receptor em relação à coerência editorial da emissora. No estudo de Dourado (2001, p. 113) fica claro que as ações de *merchandising* social da Rede Globo se destacam “pelo compromisso assumido com a cultura brasileira [...] o respeito à multiplicidade de valores éticos”, no caso da Campanha *Criança Esperança*, “é evidente que há perfeita sintonia entre as metas de seus (da Globo) principais projetos sociais e campanhas assistemáticas”.

Orozco Gómez (2014, p. 109) fala em “potencial de apropriação inadvertida” referindo-se ao “enquadramento naturalizado em telenovelas ou em séries” de temas por vezes de interesse político-ideológico, resultando uma demarcação que dificilmente vai ser percebida com “uma construção deliberada, como uma representação, parecendo mero reflexo da realidade, sem mediações construtivas, humanas ou técnicas”. Uma dinâmica que é potencializada no âmbito do ficcional, pois “com as emoções em jogo, [...], as audiências estão em uma situação de maior vulnerabilidade para aceitar o que lhes ofereça na tela, sem questionar ou nem pensar no assunto, muito menos em suas consequências”. Entretanto, não é isso que depreendemos dos comentários postados.

[...] filho mata pai, filha esbofeteia a mãe na cara (ok, sei que é nossa realidade) mas já que novela é uma historia, prefiro algo que de tanto se repetir não se torne normal em nossas vidas,

Mesmo sem ter em mãos um estudo de recepção, considero que estes comentários sinalizam que há ainda muito que fazer quanto à percepção da relação telenovela-sociedade em especial do ponto de vista do beijo *gay* entre as personagens idosas. Na perspectiva da recepção das telenovelas e ressignificações destas a partir de um repertório compartilhado (LOPES, 2009), podemos até dizer que a homossexualidade já faz parte do mesmo, porém resta a compreensão do idoso como indivíduo/sujeito nesse contexto, para não dizer no contexto geral da sexualidade.

Recortando um pouco mais – o repúdio ao idoso

Telenovela é narrativa sobre a família, sobre seus cotidianos, suas dinâmicas, vida privada e pública, e sobre seu futuro, um futuro que é colocado em xeque quando os espectadores se deparam com “organizações familiares diferentes, num contexto social marcado por padrões familiares mais homogêneos, pelo menos ao nível de sua expressão simbólica” (BARROS, 1987, p. 9). No caso das uniões homoafetivas, a presença, em *Babilônia*, de um jovem adotado por um casal de idosas, implica em uma situação de estabilidade, não explicitada em representações anteriores. Além disso, há que se considerar a simbologia cultural dos avós, “uma espécie de historiadores, ou seja, o elo entre as gerações, pois eles é que transmitem os valores e tradições não só da família como também da sociedade em geral” (DIAS, 2002, p. 35-36).

Em estudo sobre a abordagem a homossexualidade nas telenovelas, Santana (2009, p. 9) salienta que a “fórmula de sucesso das personagens lésbicas” é atender à fantasias sexuais masculinas, mostrando o envolvimento de mulheres “jovens, bonitas, desprovidas de muitas roupas e ainda com uma expressão inocente no rosto”. Isso se revela na acidez dos comentários publicados nos *blogs* em relação ao casal de idosas, levando-nos a crer que a representação da homossexualidade nas narrativas ainda não está totalmente assimilada, sendo referida como uma “onda”, ou resignificada como imposição de um movimento em prol da aceitação desta variável. Tal resistência reafirma a diferença entre o que é “desejado” e o que é “aceito”, indicando a necessidade cada vez maior de ampliação dos debates sobre o que seja “moral”, “ética”, “preconceito”. Nos comentários, a diversidade social, em todos os âmbitos, é colocada no mesmo patamar que opções de comportamento (pouca roupa), aspectos físicos (pessoas bonitas), considerando “interessante” até mesmo o “barraco”, que sabemos acontecer em decorrência de intrigas, ciúme, inveja. Por outro lado, o sonho deve continuar: romance água com açúcar.

Eu não me sinto agredida em ver dois homens ou duas mulheres se beijando, mas me sinto quando tentam enfiar algo pela minha goela abaixo: colocar duas anciãs com mais de 80 anos se beijando foi forçação das grossas. [...] mas agora passaram dos limites. Duas velhas de beijo ... ridículo. [...] Além do abuso na abordagem na questão da homossexualidade ... enquanto esta abordagem serviu para se ensinar a respeito das diversas orientações sexuais, tudo bem, mas agora virou apologia. [...] Novela não é espaço para levantar bandeiras ou defender causas. [...] O povo gosta de ver pessoas bonitas com pouca roupa, romance água com açúcar, barraco, e por aí vai..

Nas matérias sobre o beijo *gay* em *Babilônia*, muito se fala do repúdio à homossexualidade, mas nada, ou quase nada é dito sobre o repúdio à velhice. Tudo ótimo quando o objetivo é a inserção do idoso no mercado, mas contanto que este idoso não se comporte como pessoas mais jovens. Em pesquisa sobre idadeísmo, Castro (2015, p. 4) ressalta que “a transformação da terceira idade em segmento de mercado movimentada a economia e enseja novas configurações nas cartografias do consumo”, ou seja, inserção deste grupo deve ser restrita ao consumo, material em especial.

Tais colocações reforçam a necessidade de uma reflexão mais ampla sobre a televisão/telenovela como novo espaço público, tirando das “mãos dos postos de comando da sociedade o controle e a formação dos repertórios” (LOPES, 2009, p. 23). Ainda citando Castro (2015, p.4), “considera-se indispensável atentar para a dimensão sociocultural da velhice, incluindo de modo especial a participação das imagens mediadas do envelhecimento na constituição das subjetividades contemporâneas”.

Considerações finais

Num rápido levantamento dos estudos sobre idosos e telenovela, não chegamos a dez nos anos mais recentes, tomando como parâmetro temporal a aprovação do Estatuto do Idoso em 2003, finalmente, após oito anos tramitando no Congresso. Juntemos a isso os comentários a respeito das personagens homossexuais, o que temos é a confirmação do “efeito” reflexo e refração, sinalizando que nem tudo que é veiculado, disseminado, polemizado pela mídia, é “automaticamente” assimilado pela sociedade. É preciso haver espaço para repercussão do agendamento. Potencializado a partir das possibilidades do ambiente digital.

Permanente, consciente ou não, no digital assistimos a um movimento já visto nos primórdios da telenovela, com a diferença de que na época as fãs se aglomeravam à saída dos atores e atrizes dos estúdios para expressarem seu descontentamento, no caso, incluindo casos de ataques a artistas, abordados nas ruas, vítimas da conduta de seus personagens. Porém hoje a repercussão é mais abrangente, chegando a públicos nem tão conectados com o ficcional. Isso resulta comentários impensados que devemos levar em conta da perspectiva das leituras possíveis dos discursos.

Em relação às decisões dos autores em sumarizar no 1º capítulo as várias tramas que comporiam as tramas, devemos retomar as lições sobre o ficcional, nas palavras de Costa,

“por meio de suspenses ou passeios inferenciais, o ritmo da narrativa diminui, permitindo que o leitor/ouvinte tente desvendar o desenrolar da história, que ao final, se mostrará correto ou previsível” (ECO apud COSTA, 2000, p. 64). Ficção é sonho, lazer, o agendamento até sendo possível, contanto se respeite um tempo de maturação, de assimilação, de apropriação pelos públicos mais próximos, que no Brasil ainda não é um público com circulação regular pelos blogs e redes sociais.

Os índices de audiência somados aos comentários sobre o casal Estela-Teresa somente ratificam o poder relativo das novelas, contrariamente ao que muitos atribuem e acreditam. Aos meios de comunicação não podemos “culpar” nem devemos “atribuir” o que é de responsabilidade prioritária do conjunto das diversas instituições sociais formais, a saber, família e escola. Temas que eram tabus no começo do século passado continuam a “assombrar” definir opiniões, o que só aumenta a necessidade de estudos e debates acadêmicos sobre os mesmos.

Comentários, críticas logo após a estreia são até bem-vindas ao processo de criação da ficção seriada televisiva, um elemento que a caracteriza como “obra em aberto”. Entretanto, as especulações sobre o que poderia ter ocorrido em relação à Babilônia, estão muito centradas em preconceitos e valores, corroborando que os limites entre ficcional e real não são tão tênues quanto possa parecer, exigindo estudos e reflexões sobre a recepção que objetivem ir além de apropriações e percepções.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso: história e literatura*. São Paulo: Ática, 1995.

BARROS, Myriam Lins de. *Autoridade e Afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1987.

BUARQUE DE ALMEIDA, Heloisa. *Telenovela, consumo e gênero – “muito mais coisas”*. Bauru (SP): EDUSC, 2003.

CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antônio et al.. *A personagem de ficção*. Perspectiva: São Paulo. 1985.

CASTRO, Gisela G. da S.. O envelhecimento na retórica do consumo: publicidade e idadismo no Brasil e no Reino Unido. In: COMPÓS, XXIII, 2015, Brasília. Anais ..., 2015. p. 1-17. Disponível em: << http://compos.org.br/biblioteca/compos-2015-92b9fc0e-e94c-492d-a0f9-cd283e589d73_2764.pdf>>. Acesso em junho. 2015.

COSTA, Cristina. *A milésima segunda noite – da narrativa mítica à telenovela análise estética e sociológica*. São Paulo: Annablume/Fapesp 2000.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. *A influência dos avós nas dimensões familiar e social*. Revista Symposium. Pernambuco, 2002.

DOURADO, Jacqueline Lima. *Rede Globo – mercado ou cidadania?* Teresina: EduFPI, 2001.

FERNANDES, Guilherme Moreira e BRANDÃO, Cristina. A homossexualidade no teleteatro brasileiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9º, 2013, Ouro Preto. *Anais ...*, 2013. p. 1-15. Disponível em: << [http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/a-homossexualidade-no-teleteatro-brasileiroa-homossexualidade-no-teleteatro-brasileiro-a-homossexualidade-no-teleteatro-brasileiroa-homossexualidade-no-teleteatro-brasil/view](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/a-homossexualidade-no-teleteatro-brasileiroa-homossexualidade-no-teleteatro-brasileiro-a-homossexualidade-no-teleteatro-brasileiroa-homossexualidade-no-teleteatro-brasileiroa-homossexualidade-no-teleteatro-brasil/view)>>. Acesso em junho. 2015.

FERREIRA DE SOUZA, Cinthia. Um novo olhar sobre a questão da homoafetividade nas Telenovelas . In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXVII, 2009, Foz do Iguaçu. *Anais ...*: São Paulo, Intercom, 2014. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-0808-1.pdf>>. Acesso em: maio.2015.

LOPES, Maria Immacolata V. de. Telenovela como recurso comunicativo. *Matrizes*, ano 3, n. 1, ago./dez., 2009, pp. 21-47.

LOPES, Maria Immacolata V. de.. Para uma revisão das identidades coletivas em tempo de globalização. In: _____. (Org.) *Telenovela – internacionalização e interculturalidade*. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús e REY, Gérman. *Os exercícios do ver*. São Paulo: SENAC. 2001.

MAZZIOTI, Nora e FREY-VOR, Gerlinde. Telenovela e soap opera. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 6, p. 47-57, maio/ago. 1996.

MOTTER, Maria Lourdes. *Ficção e realidade: a construção do cotidiano na telenovela*. São Paulo: Alexa Cultural, 2003.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. *Educomunicação – recepção midiática, aprendizagem e cidadania*, São Paulo: Paulinas, 2014.

PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia: a construção da personagem*. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2013.

SANTANA, Fernanda Castilho. Considerações em torno da abordagem do homossexualismo feminino da ficção televisiva brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXII, 2009, Curitiba. *Anais ...*: São Paulo, Intercom, 2009. p. 1-13. Disponível em: << <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1221-1.pdf>>>. Acesso em maio. 2015.

SILVA, Lucas et al. A abordagem homossexual nas telenovelas brasileiras. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, XVI, 2014, João Pessoa. *Anais ...*: São Paulo, Intercom, 2014. p. 1-15. Disponível em: << <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-1253-1.pdf>>>. Acesso em maio. 2015.